



## Ciência Comunicação de Ciência sobre covid-19

# Cientistas ameaçados de morte em tempo de pandemia

A *Nature* divulgou uma sondagem que concluiu que 15% de 321 cientistas inquiridos admitem ter recebido ameaças de morte e quase 60% foram alvo de “ataques à credibilidade” depois de falarem sobre a covid-19

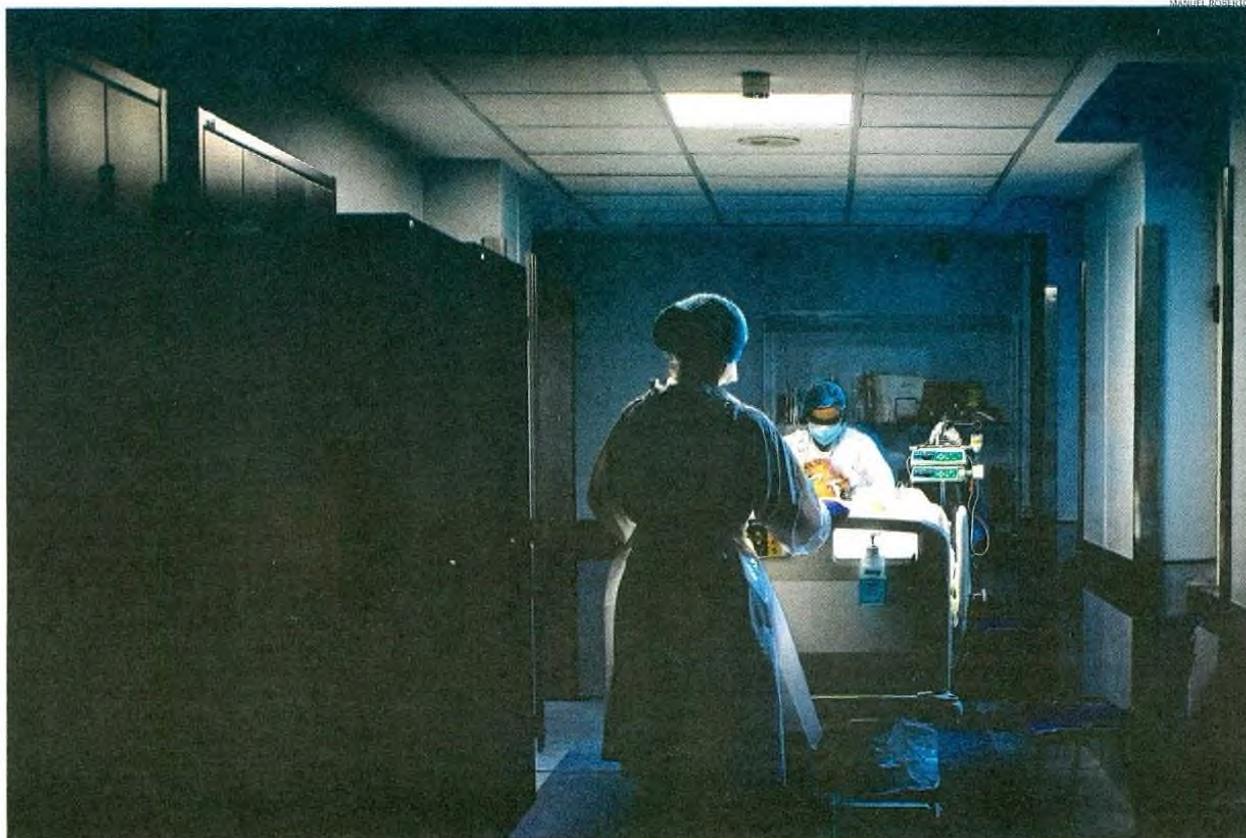
Andrea Cunha Freitas

“Espero que morras”: como a pandemia da covid desencadeou ataques aos cientistas” é o título da notícia publicada esta semana no *site* da *Nature*. A mensagem escolhida para o destaque será das mais agressivas para ilustrar a questão de fundo: a inédita exposição pública que os cientistas tiveram com a pandemia não trouxe só prestígio para os “comentadores” mais assíduos. Muitos, diz a sondagem feita pela *Nature*, foram alvo de ameaças, insultos e mensagens de ódio depois de falarem nos *media* ou nas redes sociais sobre a covid-19. Em Portugal também, confirmou o PÚBLICO.

A pergunta da sondagem da *Nature* era de múltipla escolha. “Já teve algum dos seguintes impactos negativos depois de falar sobre a covid-19 aos meios de comunicação social ou depois de uma publicação nas redes sociais? Pode seleccionar várias opções: ataques à credibilidade, sofrimento emocional ou psicológico, danos à reputação, ameaças de violência física ou sexual, ameaças de morte, ataques físicos, nenhum dos acima referidos, outros”. Os resultados mostram que a mais comum das reacções negativas terá sido “ataques à credibilidade” (quase 60%), sofrimento emocional ou psicológico (mais de 40%), danos à reputação (30%), ameaças de violência (mais de 20%), ameaças de morte (15%), o mesmo que “outros”. Não menos importante, 30% dos inquiridos disseram que não teve nenhum dos impactos negativos mencionados. No total, 321 cientistas (sobretudo do Reino Unido, Alemanha e Estados Unidos) responderam à *Nature*.

A notícia da *Nature* dá alguns exemplos. Um deles é o da médica infeccionologista Krutika Kuppalli, que, quando trabalhava na Universidade Médica da Carolina do Sul em Charleston, na Califórnia, nos EUA, recebeu um telefonema em casa de alguém que a ameaçava matar. “Deixou-me muito ansiosa, nervosa e perturbada”, diz a cientista que agora trabalha na Organização Mundial da Saúde (OMS) em Genebra, na Suíça. O assédio continuou com *emails*, mais chamadas e comentários *online* ameaçadores até ao ponto de a polícia lhe sugerir que arranjasse uma arma.

A *Nature* nota ainda que os insultos eram particularmente mais frequen-



Pandemia levou cientistas para uma exposição mediática que os tornou um alvo fácil para críticas e insultos, mas também houve elogios

tes e agressivos quando a discussão era sobre as vacinas ou sobre a (ineficácia do tratamento com ivermectina. “Penso ter recebido mais ameaças de morte devido à ivermectina, de facto, do que qualquer coisa que já tenha feito antes”, diz Gideon Meyerowitz-Katz, da Universidade de Wollongong, na Austrália, citado pela *Nature*. “São pessoas anónimas que me enviaram *emails* de contas estranhas a dizer ‘espero que morras’ ou ‘se estivesse perto de mim, matava-te’”.

### E em Portugal?

A *Nature* revela ainda que “85% dos inquiridos disseram que as suas experiências de envolvimento com os meios de comunicação social foram sempre ou na sua maioria positivas, mesmo que depois tenham sido assediados”.

“Infelizmente sim, já recebi mensagens de ódio e insultuosas em redes

sociais no seguimento de intervenções minhas nos meios de comunicação social em que procurei transmitir informação cientificamente sólida sobre aspectos relacionados com a vacinação contra a covid-19”, admite o investigador Miguel Prudêncio ao PÚBLICO. E o que fez? “Optei por ignorar ou bloquear as pessoas em causa, já que aquilo que escreveram não deixava margem para qualquer tentativa de discussão construtiva”. Se nem tudo são rosas, também nem tudo são espinhos. Por isso, o investigador principal do Instituto de Medicina Molecular (IMM), da Faculdade de Medicina na Universidade de Lisboa, afirma: “Gostaria, no entanto, de acrescentar que, felizmente, já recebi muito mais mensagens de pessoas desconhecidas a agradecerem as minhas intervenções públicas no âmbito da vacinação contra a covid-19, ou até a procurarem esclarecer

dúvidas legítimas, do que mensagens de ódio ou insultos”.

Margarida Tavares, infeccionologista do Hospital de S. João, no Porto, também confirma que foi criticada, mas “de forma suficientemente educada”. “Nunca leio comentários a notícias ou vídeos dos meios de comunicação social, pelo que não sei o que aí disseram; e não tenho redes sociais além do Twitter, local onde por duas vezes fui criticada, mas sempre de forma suficientemente educada”, diz. “No meu caso, o balanço é francamente positivo”, avalia. Mais do que as críticas, valoriza os elogios e agradecimentos. Essas reacções, sim, foram “importantes e motivadoras”, ajudando “a superar momentos de algum desalento e cansaço”.

Gabriela Gomes, matemática especialista em epidemiologia, confirma que recebeu muitas mensagens. “Mas diria que, por cada comentário nega-

tivo, terei recebido uns dez positivos. Por *email*, fui contactada por pessoas que desejavam que o coronavírus atingisse a minha família, mas muitas mais agradecendo as minhas exposições ou elogiando e felicitando o grupo pelo trabalho”, diz. A cientista nota ainda que o impacto nas redes sociais terá sido mais difícil de gerir. “No Twitter, foi mais complicado. Os modelos que desenvolvemos no início da pandemia espalharam-se muito rapidamente e eu era principiante em redes sociais. Os comentários eram muito positivos, mas não demorou a que começasse a surgir quem nos quisesse neutralizar”, denuncia. A resposta? “No início, não valorizei, mas a situação tornou-se insuportável. Para salvaguardar a concentração no trabalho, tive de me distanciar da comunicação social, reduzindo a minha intervenção a situações muito específicas”, afirma.